

Yan de Almeida Prado, 1898-1987

Folha de São Paulo

24-X-1987

Aos 88 anos, morre Yan de Almeida Prado

CMP 2.2.1.1.7.10

Da Reportagem Local

Hospitalizado desde o último dia 11 no Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo, com problemas gástricos, o escritor e historiador Yan de Almeida Prado, um dos participantes da Semana de Arte Moderna, em 1922, morreu ontem de insuficiência respiratória.

Filho de uma tradicional família de fazendeiros do interior de São Paulo, João Fernando de Almeida Prado, verdadeiro nome do escritor, tinha 88 anos e morava sozinho numa casa com dez quartos e três salas na rua Guaianases, no centro de São Paulo.

Pensão Humaitá

“Não cabe mais ninguém aqui”, gostava de repetir o escritor, que nunca foi casado. Regularmente, porém, desde 1931, cumpria uma tradição de receber amigos intelectuais para requintados almoços, onde se bebiam os melhores e mais caros vinhos do mundo. Estes almoços tornaram-se famosos como os encontros da Pensão Humaitá —uma referência à antiga casa do escritor que ficava na rua com o mesmo nome. Dentre os frequentadores da Pensão, contam-se nomes célebre não somente de intelectuais, como Monteiro Lobato, mas também de políticos das mais variadas tendências.

O sociólogo Gilberto Freyre, que morreu recentemente, participou de vários destes encontros e, em 1979, num artigo para a Folha, assim definiu o seu amigo: “Um dos mais fidalgos quatrocentões de São Paulo e um dos seus intelectuais mais eminentes. Historiador autêntico. Autor de algumas das melhores páginas já escritas sobre o Brasil colonial. Erudito. Bibliófilo.”

Almeida Prado publicou, sob pseudônimo, alguns romances, como “Os Três Sargentos” e “A Testemunha”, nenhum deles, entretanto, destacou-se no panorama literário brasileiro. Foi como historiador que ganhou maior prestígio no meio intelectual. Entre suas obras destacam-se “Primeiros Povoadores do Brasil” e “História da Formação da Sociedade Brasileiras”.

Polêmica tardia

A mais polêmica de suas obras, porém, foi o ensaio “A Grande Semana de Arte Moderna”, editado em 1976. O historiador refere-se à Semana, até então considerada o acontecimento mais importante da vida artística e literária brasileira, como um “evento sem importância”. Se mais tarde ganhou destaque no cenário cultural do país foi graças a um trabalho pertinaz de promoção e autopromoção de “dois charlatões de esquina”, a “dobradinha Marioswald de Andrade”, de acordo com o ensaio. Mas a tese de Yan de Almeida Prado, embora gerasse polêmica pela ousadia com que relegava ao segundo plano um acontecimento decisivo para a cultura brasileira, não encontrou eco entre os estudiosos que nela viram uma forma que o escritor teria para sair do esquecimento e resgatar sua participação na Semana.

O escritor foi enterrado ontem às três horas da tarde no jazigo de sua família, no Cemitério da Consolação. Deixa como herdeiros dois sobrinhos. Mas a parte mais importante do acervo cultural que havia acumulado já foi doado para instituições públicas: um conjunto de pinturas do período imperial brasileiro foi para o Museu de Arte de São Paulo em 1981, enquanto que a biblioteca, com trinta mil volumes, foi doada para o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.